

## O lugar da Guerra do Paraguai em práticas curriculares de professores de História de escolas da educação básica no Brasil e no Paraguai

*The place of the Paraguayan War in curricular practices of History teachers in Basic Education schools in Brazil and Paraguay*

André Mendes Salles

 <https://orcid.org/0000-0001-7533-8768>  
Universidade Federal de Pernambuco

**Resumo:** O artigo em tela apresenta o objetivo de investigar o lugar da Guerra do Paraguai em práticas curriculares de professores de História da Educação Básica no Brasil e no Paraguai. Adicionalmente, também buscou-se obter informações a respeito de materiais didáticos e fontes utilizadas pelos professores participantes da pesquisa no processo de ensino e aprendizagem. Foram selecionados quatro professores como sujeitos da pesquisa, sendo dois brasileiros e dois paraguaios. A coleta de informações junto aos professores se fez por meio de entrevista semiestruturada e de aplicação de questionário. Percebeu-se que, no caso brasileiro, o conteúdo curricular Guerra do Paraguai estava associado ao estudo do contexto do Segundo Império, sobretudo no que diz respeito às questões ligadas aos desdobramentos do pós-guerra no Brasil, como a abolição e a Proclamação da República. Percebeu-se, ainda, que o tempo curricular destinado ao mesmo conhecimento nos países em tela era diferenciado, sendo tratado com muito mais tempo no contexto de ensino paraguaio.

**Palavras-chave:** Currículo de História. Guerra do Paraguai. Ensino de História.

**Abstract:** The present article aims to investigate the place of the Paraguayan War in curricular practices of History teachers in Basic Education in Brazil and Paraguay. In addition, we also searched for information about teaching materials and resources used by the surveyed teachers in the teaching and learning process. Four teachers were selected as the research subjects, two Brazilian and two Paraguayan. The information collection among the teachers was done through semi-structured interviews and questionnaires application. It was realized that, in Brazil, the curricular content “Paraguayan War” was associated with the context of the Second Empire study, especially regarding the questions related to developments of the postwar in Brazil, such as the abolition and the Proclamation of the Republic. It was also noticed that the curricular time designed to the same knowledge in the mentioned countries was different, being developed in a larger time within the Paraguayan teaching context.

**Keywords:** History Curriculum. Paraguayan War. History Teaching.

### Introdução

Um dos eventos mais marcantes do Cone Sul latino-americano no século XIX foi a Guerra do Paraguai, mais conhecida no país Guarani como *Guerra de la Triple Alianza*, ou como *Guerra Guasú*. O ano de 2020 marcou os 150 anos de finalização do conflito e ensejou livros, coletâneas e dossiês em revistas científicas, além de eventos acadêmicos, em que se buscou reunir especialistas dos diferentes países envolvidos na contenda. Nesse sentido, a referida efeméride foi mote para as mais diversas reflexões em torno do evento, desde as historiográficas até as educacionais, essas últimas envolvendo a dimensão pedagógica do ensino da Guerra em sua versão escolar.

Este artigo apresenta o objetivo de investigar o *lugar* da Guerra do Paraguai em práticas curriculares de professores de História da Educação Básica no Brasil e no Paraguai. Buscou-se



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

também obter informações a respeito de materiais didáticos e fontes utilizadas pelos professores participantes da pesquisa no processo de ensino e aprendizagem.

A pesquisa foi realizada em duas escolas, uma localizada na região metropolitana do Recife, Brasil, e a outra localizada em Assunção, capital do Paraguai<sup>1</sup>. Os critérios estabelecidos para a seleção dos colégios foram: 1) terem caráter experimental e 2) serem considerados de referência. Ambas as instituições escolares pesquisadas estão vinculadas a centros acadêmicos de universidades, no modelo de Colégios de Aplicação. Por se tratar de um duplo campo de observação, Brasil e Paraguai, preferimos estabelecer os critérios em destaque como forma de buscar uma maior similaridade entre os campos.

Nas escolas campos de pesquisa foram selecionados como sujeitos da investigação quatro professores da educação básica, sendo dois brasileiros e dois paraguaios. Denominaremos os sujeitos da pesquisa como: Professor 1 e Professor 2 (sujeitos brasileiros) e Professor 3 e Professor 4 (sujeitos paraguaios)<sup>2</sup>. Para a seleção dos sujeitos adotamos os seguintes critérios: (1) possuírem a formação no campo disciplinar da História, (2) ensinarem a disciplina curricular História nas escolas selecionadas como campo de pesquisa, (3) estarem lecionando nos anos nos quais o conteúdo curricular Guerra do Paraguai era abordado e (4) ter inserida em sua prática curricular o conteúdo Guerra do Paraguai.

O perfil dos quatro professores sujeitos da pesquisa revelou traços característicos que os assemelham quanto à área do conhecimento da formação inicial (História), período de finalização dessa formação (entre 2004 e 2006), ampla formação na área da História (três dos sujeitos da pesquisa são doutores e um é mestre), tempo de atuação na docência (em torno de 10 anos na época, 2015), experiência na educação básica e no ensino superior. Os professores são adultos jovens, com idades que variam entre 30 e 40 anos. A coleta de informações junto aos professores sujeitos da pesquisa se fez por meio de entrevista semiestruturada e de aplicação de questionário.

### **O lugar da Guerra do Paraguai na prática curricular dos professores sujeitos da pesquisa**

Os professores sujeitos da pesquisa confirmaram a presença do conteúdo curricular Guerra do Paraguai em seus planejamentos de aulas. Três deles (1, 2 e 4), contudo, atentaram para o apertado calendário escolar e, por conseguinte, o pouco tempo que teriam para trabalhar o conteúdo em destaque. O Professor 1, quando entrevistado, em 2015, não havia ainda trabalhado o conteúdo no colégio campo de pesquisa, tendo em vista que ingressara na instituição, por concurso público de provas e títulos, naquele mesmo ano. Informou que estava afastado da educação básica desde 2008, o que quer dizer que o ano da entrevista marcou a volta do professor àquele nível de ensino. Apesar disso, buscou lembrar-se da época em que ensinava o conteúdo curricular Guerra do Paraguai em uma escola privada da região metropolitana do Recife.

Naquela época antes de 2008, nos anos que eu passei trabalhando no ensino básico, acho que uns 5 ou 6 anos que eu trabalhei com ensino básico, **a Guerra do Paraguai aparecia, mas dentro da discussão do Império, e eu não me lembro de eu ter feito um movimento maior em relação ao debate 'Guerra do Paraguai'**, ou seja, um seminário, um momento de estudo mais especificamente sobre a Guerra, **mas se os alunos conheciam e tal, a gente via muito pelo que o livro didático estava colocando e passávamos e seguíamos, ou seja, não tinha um debate mais aprofundado dessa discussão**, sobretudo porque nessa experiência, antes de 2008, eu trabalhava numa escola particular, e nós víamos muito conteúdo, **era aquela escola que você tinha que dar conta do conteúdo do livro didático**, tinha que começar e terminar tudo, todos os exercícios, todos os textos, porque senão o pai ia lá reclamar, aquela coisa... ia lá reclamar que comprou o livro e tal e o aluno não viu, deixou de fazer isso, deixou de fazer

---

<sup>1</sup> Por questões éticas, com as quais nos comprometemos a observar ao contatarmos os sujeitos da pesquisa, não denominaremos os nomes das escolas campos.

<sup>2</sup> As identidades dos professores sujeitos da pesquisa serão, por motivos éticos, preservadas. Tal prática é recorrente em pesquisas científicas envolvendo seres humanos, sobretudo nas pesquisas educacionais.

aquilo. (PROFESSOR 1. Grifos nossos).

Na fala do Professor 1 aparecem alguns elementos que consideramos relevante comentar. O primeiro deles é o lugar da Guerra do Paraguai em sua prática curricular. Ela aparece dentro da discussão do Segundo Império. Nas memórias do professor, em relação à sua prática docente, a Guerra do Paraguai era abordada a partir do que estava posto no livro adotado pela escola, sem uma maior reflexão ou aprofundamento, tendo como explicação/justificativa a própria particularidade e a exigência da instituição de ensino. Em relação à Guerra do Paraguai no cronograma escolar, o mesmo professor assinala:

Então tinha essa problematização ou esse problema, e aí a gente corria. Como a Guerra do Paraguai ela geralmente aparece no final do ano letivo, geralmente do 8º ano e no Ensino Médio no 2º ano, então aí que a coisa estava apertada mesmo. **Então, eu me lembro dessa referência, da Guerra como um ponto que era estudado, se lia, mas dentro de um aperto do cronograma para finalizar o livro, eu me lembro dessa questão. Fora isso, não me lembro de outro movimento em relação a ela.** (PROFESSOR 1. Grifos nossos).

As memórias do Professor 1 em relação ao conteúdo curricular *Guerra do Paraguai* antes de 2008 apontam para um conteúdo que era estudado a partir do contexto do Segundo Império e dentro de um apertado cronograma escolar, somadas às exigências da instituição educativa da qual fazia parte, quer dizer, a de finalizar todo o conteúdo do material didático adotado. Na fala do Professor 2, quando perguntado sobre a questão do tempo em que a Guerra do Paraguai é abordada em sala, o respectivo docente realizou os seguintes apontamentos:

Olha, isso é muito complicado, depende muito, né, depende muito, é... nós... **eu estou prevendo no que diz respeito ao Segundo Império, em toda nossa discussão do Segundo Império, estou prevendo aí duas semanas de aula**, para a gente fechar de uma forma bem coerente, de uma forma bem precisa, porque quando você vê também Guerra do Paraguai, você está vendo... **nós temos também que entender, não podemos deixar de falar da crise que vai se formando com esse pós-guerra do Paraguai aqui no Brasil, o fortalecimento do exército que é um alvo importante, a questão militar, a pós-guerra do Paraguai e isso vai ser motivo que eu acho que é importante destacar, para a crise do Segundo Reinado.** Então eu acho que umas duas semanas de aula, eu acho que eu consigo, de uma forma... eu acho que poderia ser mais, não tenha dúvida disso, né, **mas nós temos um cronograma que, de certa maneira, isso dificulta passarmos mais do que duas semanas analisando essas questões do Segundo Reinado.** (PROFESSOR 2. Grifos nossos).

Além de o Professor 2 assinalar, assim como o Professor 1, a questão do apertado cronograma escolar, o conteúdo Guerra do Paraguai aparece indissociavelmente relacionado ao estudo do contexto do Segundo Império, sobretudo no que diz respeito às questões ligadas aos desdobramentos do Pós-Guerra no Brasil. Tal situação nos faz refletir sobre o espaço desse conteúdo escolar nos currículos, nos livros didáticos e na prática docente.

Ainda em relação ao tempo destinado ao conhecimento escolar Guerra do Paraguai no currículo, tanto o Professor 3 quanto o Professor 4 apontaram que o referido conteúdo curricular é visto/estudado/abordado com a duração de aproximadamente um mês. Este último especifica: *“sería en un mes, doce horas”* (PROFESSOR 4), enquanto o primeiro informa apenas que *“normalmente un mes. [...] yo tardo un mes, prácticamente”* (PROFESSOR 3). Nesse sentido, não podemos deixar de notar que o tempo curricular destinado ao mesmo conhecimento nos países em tela é diferenciado. Enquanto no contexto brasileiro, evidenciado pela fala do Professor 2, todo o período do Segundo Reinado - que vai de 1840 a 1889, aí incluída a Guerra do Paraguai - é estudado em duas semanas, no contexto paraguaio, tendo em vista a fala dos professores participantes da pesquisa, o tempo curricular destinado ao referido conteúdo era de até um mês. É nesse sentido que reforçamos o nosso entendimento de que o currículo, tanto como processo quanto como prática, se constitui em uma construção social situada e datada (GOODSON, 1997).

A disciplina História no colégio campo de pesquisa, no Paraguai, possui três horas

semanais, o quer dizer que o conteúdo curricular referente à Guerra do Paraguai, que se dá em torno de um mês, possui aproximadamente doze horas de trabalho em sala de aula. Tal configuração ultrapassa, e muito, a carga horária destinada ao estudo do conteúdo em foco no contexto curricular brasileiro. Para buscar explicar a discrepância em relação à configuração curricular dos dois países em relação ao tempo destinado ao conhecimento escolar Guerra do Paraguai, apoiamos-nos na reflexão do Professor 4, ao apontar que existiu no Paraguai um projeto nacional que buscava, no sentimento de resistência heroica - apesar da derrota na Guerra -, evidenciar a construção de um sentimento de nacionalidade, ainda muito forte, inclusive, na historiografia paraguaia.

A Guerra do Paraguai se constitui como um importante evento histórico – senão o mais importante – no que se refere à construção de um sentimento de identidade nacional no Paraguai, erigido em torno do herói que, mesmo derrotado, resistiu bravamente. No Brasil, esse mesmo evento, constituído em conhecimento escolar, serviu, ao longo de quase todo o século XX, e mesmo nas últimas décadas do século XIX, à construção de uma identidade nacional brasileira, erigida em torno dos heróis que saíram vitoriosos da guerra. Contudo, nesse último contexto, a visão nacionalista passou a ser fortemente criticada, sobretudo a partir da década de 1970 e, no processo de redemocratização, qualquer menção a uma perspectiva nacionalista, sobretudo baseada/construída através da violência, passou a ser questionada, possivelmente pelos traumas causados pela ditadura militar.

Desse modo, talvez, faça mais sentido se falar, atualmente, na construção de um sentimento nacional em torno de um país que foi derrotado (Paraguai), mas que construiu uma imagem de resistência heroica, do que um país que saiu vencedor (Brasil), mas cuja imagem estaria associada à prática dos horrores da guerra, ao ponto de ser conotada, por alguns autores, como prática de genocídio (CHIAVENATO, 1983). Tal fato talvez explique a maior carga horária destinada ao tema pela escola básica no contexto paraguaio.

Contudo, entendemos que o conhecimento escolar Guerra do Paraguai, no contexto curricular de ambos os países, não serviria apenas no intuito de gerar um sentimento de nacionalidade, mas, também, poderia servir à reflexão dos horrores causados pela guerra e, conseqüentemente, para a tomada de consciência de que este expediente deve ser, de todas as formas, evitado. Em qualquer um dos dois sentidos, contudo, acreditamos que a Guerra do Paraguai, enquanto conhecimento escolar, constitui-se – ou pode constituir-se – em um conhecimento poderoso, segundo a acepção dada pelo estudioso da educação Michael Young (2007; 2011).

Quanto ao fato de o tempo destinado ao conteúdo curricular Guerra do Paraguai ser bem maior no país guarani do que no Brasil, o Professor 4 ainda indica o seguinte:

[...] hay el problema que tenemos nosotros acá y que es muy acelerado aquí, un mes por ahí, es el tiempo que tengo, porque después ya empieza el otro mes, otra evaluación, otra cosa ya. Nosotros damos clases acá desde marzo a octubre, en octubre se suma todas las notas y el alumno que consigue el ochenta por ciento de la nota se exonera, ya pasó. Pero al nivel nacional se da desde febrero hasta noviembre. Pero, por más que ellos tengan más tiempo nosotros damos más contenido, pero el nuestro es acelerado, pero generalmente un mes. (PROFESSOR 4).

Questão importante a se mencionar é a organização curricular em relação aos saberes escolares de História no Paraguai, que está estruturada de maneira diferente daquele organizado no Brasil. No Paraguai, a disciplina História, na Educação Básica, está integrada à Geografia, fato já observado no Brasil em diferentes períodos históricos. Nesse sentido, todos os livros didáticos e a própria disciplina é conhecida, para o referido nível de ensino, como “*Historia y Geografía*”.

Os professores paraguaios apresentaram uma visão crítica em relação à integração das disciplinas História e Geografia e à supremacia da História sobre a Geografia na estrutura curricular da *Educación Básica* no Paraguai. O Professor 4, de forma enfática, assinala que a disciplina

História é a que acaba, na prática, ganhando maior tempo curricular em detrimento da Geografia escolar. Importante destacar que, para Goodson (2012), a forma de organização curricular estruturada em disciplinas escolares é uma das formas possíveis de se organizar o currículo, hegemônica atualmente, mas não a única.

Segundo o referido autor, a elaboração curricular, tanto no sentido de seleção de saberes quanto no sentido de como os mesmos estão organizados/distribuídos no currículo, se constitui em uma construção social. Em outras palavras, dependendo do contexto de cada sociedade, assim como dos sujeitos que possuem o poder de participar e/ou determinar sobre as elaborações curriculares, pode-se ter um currículo estruturado em disciplinas escolares ou não, com disciplinas escolares integradas ou não, ou estando elas associadas ou não aos saberes acadêmicos/científicos. Daí as diferentes estruturações curriculares em torno das disciplinas de História e Geografia nos dois países estudados. (GOODSON, 1997; 2012).

Tanto o Professor 3 quanto o Professor 4 destacam que a escola que selecionamos como campo de pesquisa possui particularidades em relação aos outros colégios do sistema nacional. Tanto no que se refere à organização do conteúdo em relação às duas disciplinas quanto no que se refere à distribuição da carga horária. A esse respeito, assinala o Professor 3:

[...] nosotros tenemos más cargas horarias aquí porque tenemos tres horas, tres horas semanales para Historia, en esta institución, tres horas semanales para Historia y tres horas semanales para Geografía. Geografía solamente tenemos en el Tecer Ciclo y en la [Educación] Media hay en él todo. (PROFESSOR 3).

E continua:

[...] nuestro contenido programático estructuramos de otra manera también, según el año. Por ejemplo, séptimo grado sólo Historia paraguaya y esa es la diferencia con la evolución del contenido programático del MEC, donde mezclan todo, por ejemplo, mezclan en un año, parte de Historia Universal, parte de Historia del Paraguay, parte de Historia de América y así va siguiendo. Nosotros concentramos en un año, octavo damos sólo Historia de América y a partir del noveno [9º grado] empezamos con Historia Universal, desde la Prehistoria hasta la Edad Antigua y del primero al segundo grado abarcamos lo que es Historia Medieval hasta Historia Contemporánea. Y después, el último año se dá Historia Cultural del Paraguay. Esta es la manera que nosotros estructuramos. (PROFESSOR 3).

Há similaridades entre Paraguai e Brasil no modo de organizar o ensino da História, inclusive quanto à distribuição dos conteúdos no tempo curricular. Percebemos a influência do sistema quadripartite francês (História Antiga, História Medieval, História Moderna e História Contemporânea) e a separação entre História Geral e História nacional. Percebemos, ainda, uma presença tímida da História da América em favor da História europeia, cujo efeito mais visível é a permanência do eurocentrismo.

As informações obtidas com os professores 3 e 4 indicam que a escola campo de pesquisa no Paraguai, por ter uma característica experimental, possui especificidades em relação aos outros colégios do sistema nacional de ensino. Nele, as disciplinas História e Geografia não estão integradas e, por conseguinte, existe uma carga horária maior para cada uma delas, que é de 3 horas semanais. A esse respeito, o Professor 4 informa:

Lo que hicimos nosotros es, hace unos cuatro años atrás, es unificar en el sentido que, por ejemplo, en el Séptimo se ha Historia del Paraguay, entonces que se dé Geografía del Paraguay, en el Octavo grado damos Historia de América, se da Geografía de América, en noveno damos Historia antigua, nosotros damos Geografía de Europa y Asia. Entonces en este sentido, nosotros acumulamos porque no estaba organizado de esta forma, **pero la particularidad del colegio es que acá se da Geografía tres horas a parte de Historia, que se da tres horas, porque en el sistema nacional Historia y Geografía van juntos en tres horas, nosotros damos en seis horas, nosotros separamos y nosotros, en Geografía, damos más y también mejor comparando con los otros que no veen separado.** (PROFESSOR 4. Grifos nossos).

Em relação à diferenciação curricular entre a escola selecionada como campo de pesquisa e as outras escolas do sistema nacional, o Professor 4 afirma: “*En verdad, nosotros damos en el Séptimo [o conteúdo referente à Guerra do Paraguai], pero a nível nacional se da en el octavo, por eso lo nível del libro es del octavo, pero nosotros cambiamos, nosotros tenemos un otro sistema*”. Uma das características do colégio campo de pesquisa, no Paraguai, é a sua autonomia em relação ao estabelecimento de seu currículo frente às outras escolas do sistema nacional.

No Brasil, em relação ao Ensino Fundamental, o conteúdo curricular Guerra do Paraguai é abordado no 8º ano, assim como na maioria das escolas do sistema nacional do Paraguai, estruturado pelo MEC. Contudo, na escola campo de pesquisa do país guarani, por ter uma característica experimental e, portanto, uma autonomia maior frente à construção curricular, o referido conteúdo passou a ser abordado no 7º ano.

Em relação à seleção e utilização de materiais e fontes para o processo de ensino e aprendizagem, além dos livros didáticos<sup>3</sup>, o Professor 1 fala o seguinte:

Para a Guerra do Paraguai, eu ainda não separei essas fontes, mas geralmente eu utilizo alguns textos informativos, que sistematizam um pouco as informações para eles, e isso a gente geralmente não imprime. Eu circulo para eles, via eletrônica, e-mail coisa e tal. Eu gosto muito de utilizar os textos da revista da Biblioteca Nacional, mas aí são textos mais para problematizar alguns debates. Então a gente faz essa... **a gente sempre procura um, dois textos e tal para problematizar essas questões, isso em termo de leitura, e o livro didático também.** (PROFESSOR 1. Grifos nossos).

É possível perceber, por meio da fala do Professor 1, a tentativa em trazer materiais para sala de aula com o objetivo de trabalhá-los em uma perspectiva problematizadora. A fala não deixa claro, contudo, se o livro didático seria apenas um “apoio de leitura” ou se, ao contrário, se constituiria em “objeto a ser problematizado” junto a outros materiais trazidos para a sala. Talvez a preferência pelos textos da revista da Biblioteca Nacional se dê, possivelmente, devido ao fato de serem artigos curtos, sem rebuscamentos acadêmicos e que, apesar de serem escritos, geralmente, por especialistas, são textos voltados para o público em geral, quer dizer, não especializado no campo da História. Entretanto, o Professor 1, segundo relatado, busca mesclar textos mais informativos e de divulgação com textos mais densos e complexos.

Dependendo de algumas questões, dependendo de qual temática, eu gosto de utilizar alguns textos um pouco mais, vamos dizer assim, densos, que não está voltado, especificamente, para um público de ensino médio. Agora sobre a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, a gente tem utilizado alguns textos de filósofos do período do Iluminismo, para pensar essas ideias de liberdade, igualdade, essa ideia de direitos, de constituição de direitos e tal. No 2º ano a gente fez uma experiência de ler um pedaço do texto de Marx, o Capital, sobre a acumulação primitiva, quando ele vai falando sobre cercamentos. Tem uma leitura mais densa, mas que eles receberam bem, mesmo identificando o grau de dificuldade e, também nesse segundo ano, que é que a gente vai trabalhar a Guerra do Paraguai. Nesse segundo ano a gente está lendo um texto da Maria Stella Bresciani, que é ‘Londres e Paris, o espetáculo da pobreza’, sobre o XIX, mas sobre as consequências, os efeitos da Revolução Industrial e da Revolução Francesa em Londres e Paris, e aí é... eles estão lendo, é um livrinho que, inclusive, se usa aqui na graduação, mas é um livro um pouco de divulgação, mas com ideias bem... dialogando bem com filósofos, literatos da época. (PROFESSOR 1).

E conclui:

Então, assim, tem uma literatura bem diversificada, desde algo mais de divulgação, informativo até algo um pouco mais denso. Nem sempre dá para fazer isso tudo porque senão a gente não caminha muito, em termos de conteúdo, em quantidade de conteúdo que nos é cobrado, mas em algumas temáticas como, por exemplo, a Revolução Francesa, a gente optou por dar uma

---

<sup>3</sup> A descrição e reflexão em relação à utilização dos livros didáticos pelos professores sujeitos da pesquisa não serão objeto de análise aqui por já fazer parte de outra produção. A esse respeito, ver: SALLES (2020a).

aprofundada mais, sabe? outros a gente já vai mais rápido [...]. (PROFESSOR 1).

Segundo podemos concluir, a partir da fala do Professor 1, há uma seleção de conteúdos curriculares para os quais se reserva mais tempo, atenção e materiais mais complexos para problematização de temáticas em sala. Nesse contexto, podemos afirmar que o currículo se constitui em uma seleção também no âmbito da prática docente.

A Guerra do Paraguai, entretanto, pelo menos na fala desse docente, não se constituiu em um desses temas para o qual destinasse um tempo maior ou a utilização de um material mais denso e/ou complexo. Contudo, acreditamos que, devido a entrevista ter sido realizada em 2015 e esse ano ser o mesmo em que o professor em questão retornou à docência na educação básica - e destacando que no momento da entrevista a Guerra do Paraguai não havia ainda sido lecionada -, percebemos um esforço desse professor ao tentar explicar o processo de didatização e seleção de materiais para serem utilizados em situações de ensino, pensando inclusive sobre o conteúdo curricular Guerra do Paraguai.

Geralmente o que eu faço para preparar o material para aula é procurar um ou dois textos de referência, num debate, vamos dizer assim, mais alto, debate mais aprofundado. Vejo alguns textos mais didáticos, para mais ou menos ver como eu vou fazer essa adequação do conteúdo e também vejo algumas questões de outras mídias, assim, documentários, fotografias, dependendo da temática, documentários, fotografias e, **mesmo que não haja um documentário sobre a Guerra do Paraguai, mas alguma temática que eu possa desenvolver a partir daquele episódio, daquele evento.** Por exemplo, com a Revolução Francesa, aí nós discutíamos a ideia de... uma discussão sobre direitos, sobre o conceito de liberdade, igualdade, então essa foi a temática a partir da discussão da Revolução Francesa. (PROFESSOR 1. Grifo nosso).

Na fala acima, o Professor 1 busca sistematizar a forma como realiza o processo de seleção dos materiais a serem utilizados em sala, não esquecendo de mencionar a importância dos textos didáticos para que ele tome conhecimento de como o conteúdo curricular é sistematizado e tratado para aquele nível de ensino. É nesse sentido que ocorre o processo de construção de estratégias de didatização do saber pelo professor, de reelaboração didática do professor no âmbito da prática. (Cf. FORQUIN, 1993).

Podemos perceber que o Professor 1 busca organizar suas aulas a partir de eixos temáticos. Em relação à Revolução Francesa elegeu temáticas como os conceitos de direito, liberdade e igualdade. Contudo, em relação à Guerra do Paraguai, informa que ainda não elegeu a(s) temática(s) ou conceitos a serem problematizados no processo de sistematização e ensino desse conteúdo curricular. Assim, aponta que:

Sobre a Guerra do Paraguai, eu estou pensando ainda qual poderia ser essa temática, mas eu procuro esses materiais correlatos, que também ajudam a pensar no debate sobre uma temática a partir daquele evento, **pode ser essa questão da América Latina, dessa relação, pode ser a questão indígena, pode ser a questão da escravidão, a questão do exército enquanto um ator político que vai se formar e a gente pode fazer um contraponto com a atuação dele no século XX.** (PROFESSOR 1. Grifos nossos).

Em relação à organização de suas aulas em eixos temáticos, o Professor 1 não deixa de explicitar seu interesse na dinâmica “dessa população mais pobre ou dessa população mais comum, [...], ou ordinária, como dizia Certeau” (PROFESSOR 1). Nesse sentido, aponta:

[...] eu gostaria muito de trabalhar essa dimensão da população, esse envolvimento da população; envolvimento tanto no sentido de lutar, como envolvimento no sentido de ser atingido pelo conflito, como é que essas populações se mobilizaram, tal e etc. Mas é... sobretudo os indígenas e os escravos, e não só também da perspectiva do Brasil, da perspectiva do Paraguai também, por exemplo. Mas isso, eu teria que ainda pesquisar material, ver se é viável, ver se é possível, ver se tem, se vai dar conta e ver se realmente se confirmar, que é muito provável. Esse debate da Guerra do Paraguai no período de regência de estagiário, a regência dele, então

ver também se ele aceita, se a gente chega a um ponto comum de mediação, de mediar uma temática que seja minha e dele e da turma também. Claro que eu vou propor, mas ele também vai fazer a mediação dele. [...]. (PROFESSOR 1).

Levando em consideração João Francisco de Souza (2009), entendemos que a prática docente não se limita ao caráter ideológico ou gnosiológico do professor, mas se dá contextualmente, em uma instituição específica, com características particulares, que mobiliza os professores a planejarem e organizarem suas práticas a partir desse lugar específico e dos sujeitos que a compõem. Assim, tendo em vista que a escola campo de pesquisa prevê em seu projeto político-pedagógico o atendimento a estagiários, o Professor 1 não deixa de considerar em seu planejamento a presença do estagiário, avaliado por ele como um sujeito importante nesse processo decisório.

O livro didático assume para o Professor 2, comparativamente ao Professor 1, uma maior centralidade no processo de organização e sistematização das aulas, a ponto de ter realizado, em certos momentos, comparações entre abordagens de diferentes livros didáticos.

Veja, eu andei fazendo... aqui nós temos alguns livros [estante de livros da sala de Ciências Sociais do Colégio], tiramos aqui alguns, mas tinha mais livros de História, livro didático, e em determinados assuntos eu fazia um comparativo, né, lia um livro, olhava em outro, tentava portanto ver o que um trazia que eu pudesse usar, o que outro... mas eu observei que os livros que nós tínhamos aqui, livros didáticos, não tava assim tão... eu preferi ficar apenas nesse livro didático e, ao longo das minhas aulas, trazer materiais extras, que me ajudassem nessa disciplina, porque de certa maneira, tudo bem, eu iria preparar melhor ou iria me ajudar a preparar minhas aulas esses outros livros didáticos. (PROFESSOR 2).

Ao ser perguntado sobre a utilização de outras fontes para situações de ensino na Educação Básica, o Professor 2 respondeu o seguinte:

Então, veja, eu costumo trazer documentários, tentando passar o documentário, mas fazer uma discussão, isso pós-aula expositiva, por exemplo, vou dar um assunto... posso falar da Guerra do Paraguai? [...]. Em relação à Guerra do Paraguai, eu faço uma exposição, do que vem a ser o Segundo Reinado, a questão da guerra, a crise do Segundo Reinado, o que é que isso realmente resultou, quais eram os interesses, os envolvidos, essa questão. Quer dizer, feita essa aula, e o livro [didático] nos ajuda muito nisso, eu tento trazer, na medida do possível, documentários, filmes que nós temos à disposição, certos documentários e a partir daí fazer um debate com eles [...]. (PROFESSOR 2).

O relato do professor 2 evidencia o lugar de complementaridade das fontes e materiais diversos em sua prática docente, quer dizer, aparecem como complementação de algum conteúdo curricular ou temática no momento *pós-aula expositiva*. Um material específico sublinhado pelo Professor 2 em vários momentos da entrevista foram as fontes iconográficas, destacadas não apenas como importantes fontes históricas para o historiador, mas também como relevantes materiais a serem usados nas aulas de História. Desta forma, afirma:

[...] outra coisa que eu procuro trazer, muitas vezes, são imagens, por exemplo em relação à Guerra do Paraguai. Só um exemplo, nós temos o do [Angelo] Agostini, eu acho que é alguma coisa do tipo. Tem imagens muito importantes, charges e imagens muito interessantes que circulavam na imprensa da época, muitas com um foco crítico. Então eu procuro trazer essas informações, porque mostra um pouco ao nosso aluno já do 8º ano que História, a importância do documento, a importância das fontes para se pensar a História e foco muito, essa é uma preocupação minha, dizendo o seguinte: olha essa é uma documentação que nós temos hoje, pode ser que amanhã novos documentos apareçam, então novas possibilidades sobre uma determinada temática. Então eu procuro sempre fazer isso, desde o meu 6º ano que eu tento fazer essa [...] quando é possível eu jogo, eu lembro a eles, essa questão da História sempre em movimento, a História viva, a História que está sendo sempre transformada [...]. (PROFESSOR 2).

O Professor 2 assinala que as imagens podem ser instrumentos importantes que contribuem para que o aluno possa repensar a Guerra do Paraguai. Cita Angelo Agostini, que foi um desenhista e chargista nascido na Itália em 1843, mas que viveu boa parte de sua vida no Brasil e trabalhou em diversos jornais da época. Em suas charges, buscava criticar a aristocracia, o clero, o regime monárquico e a figura de D. Pedro II, assim como o regime escravocrata. Produziu também charges relativas à Guerra do Paraguai. Ainda em relação a utilização de imagens no ensino de História, o professor 2 assinala:

[...] eu costumo usar charges, como eu te falei. Tem imagens importantíssimas desse período, que eu acho que repensa a Guerra do Paraguai. Eu acho que as imagens [...] eu penso imagem não como ilustração, como alguns livros didáticos colocam. Põem um texto com imagem para ilustrar. Eu acho que a imagem ela precisa ser lida, a imagem é um texto, precisa ser problematizado, e eu procuro fazer um esforço, não só eu, como outros professores aqui mesmo [...] que têm uma ideia de imagem muito parecida com a minha, que isso tem ajudado muito, quer dizer, as imagens elas têm uma [...] elas não estão aí como ilustração, elas têm um porquê, por que circulou daquela maneira? Por que foi feita dessa? [...] quer dizer, há um critério cultural na época, que fez com que aquela imagem circulasse e tivesse uma aceitação. Então isso eu procuro trazer nas minhas aulas. Então, como essas imagens circularam bastante na nossa imprensa nesse período e, às vezes, aparece, mas aparece muito rápido nos livros didáticos, eu costumo trazer informações, em alguns momentos eu já apresentei matérias de jornais, enfim [...] (PROFESSOR 2. Grifos nossos).

Além de o Professor 2 ressaltar a importância das imagens, não apenas como ilustração, mas sobretudo como fonte, como documento que deve ser lido e problematizado na educação básica, adverte para o caráter interpretativo das imagens, inclusive salientando o forte potencial reflexivo de eventos históricos como a Guerra do Paraguai. E conclui:

[...] então esses documentos me possibilitam isso, me possibilitam aproximar mais o aluno de uma determinada temática, de um determinado assunto, ele pode avaliar as imagens de formas diversas. Nós temos aqui aula de Artes e isso ajuda muito os alunos a fazerem essas discussões dessas representações imagéticas, de imagens. Então eles gostam muito de fotografia, eles gostam muito dessas imagens, charges. Então eu avalio como positivo esse material adicional, digamos assim, que muitas vezes não está no livro, ou está muito rápido no livro. Mas eu trago, mostro, isso tem gerado boas discussões nas nossas aulas. (PROFESSOR 2).

Apesar de o Professor 2 destacar a importância de se trazer materiais diversificados para sala de aula, como forma inclusive de se ultrapassar aquilo que o livro didático traz, aponta as dificuldades de se realizar tal movimento.

[...] mas os nossos alunos, e isso é uma questão já [...] uma questão cultural, nós temos que quebrar isso, eu tento quebrar de certa maneira, e eles estão muito preocupados em algum sentido se tem ou não no livro didático. Então muitas vezes é o seguinte, veja como isso é difícil, você está dando um assunto, você está trazendo materiais diversificados, ou textos diversificados, né, e muitas vezes você escuta ainda um aluno perguntando: isso está no livro? Isso que você está dizendo está nesse livro didático? Aí você precisa dizer que não, às vezes tá, às vezes não tá, tá de maneira resumida e aqui estamos aprofundando. (PROFESSOR 2).

Em relação à abordagem sobre a Guerra do Paraguai na Educação Básica, o Professor 2 assinala os seguintes elementos: a desconstrução da Guerra do Paraguai como heroísmo; o apontamento da interferência brasileira em países da América Latina (Imperialismo); a desconstrução do Brasil como um país pacífico; o apontamento dos interesses nacionais por detrás da Guerra do Paraguai e a contextualização da geopolítica do período em foco; o apontamento de como a Guerra do Paraguai foi usada por nós, brasileiros, como elemento de formação de uma identidade/consciência nacional. Os elementos apontados podem ser sintetizados na seguinte fala do professor em questão<sup>4</sup>:

---

<sup>4</sup> Existem outras passagens do Professor 2 nas quais os elementos destacados podem ficar evidenciados. Como forma

[...] eu acho que primeiro temos que conhecer a História da América Latina, certo? Isso aí não tenha dúvida, e depois essa desconstrução da Guerra do Paraguai como esse viés, o heroísmo. Eu acho que também deve ser desconstruído, também deve ser repensado. Eu penso a Guerra do Paraguai, quer dizer, nós temos que pensar a Guerra do Paraguai numa dimensão maior, pensando no Brasil dentro de um jogo político e diplomático, que tentava ganhar e conseguir espaços como um país [...] quer queira ou quer não nós temos que pensar aí uma dimensão, talvez, imperialista. Eu acho que essa é uma discussão que nós podemos fazer, não sei até [...] quer dizer, eu penso dessa maneira, o Brasil quer garantir seus espaços, a bacia, aquela bacia hidrográfica ali é muito importante para a comunicação do Brasil. [...] então eu acho que é muito importante que o aluno conheça essa interferência do Brasil em assuntos da América Latina, nessa geopolítica da América Latina, para não achar que nós somos um país que sempre tivemos paz, harmonia com nossos vizinhos, não é bem assim, está em jogo interesses políticos, econômicos, então [...] e mostrar que vivíamos uma época em que você tem um avanço das nações, conquistando, [...] eu acho que o aluno tem que ter essa visão do Brasil, tirando essa coisa do Brasil como [...] a Guerra do Paraguai vista como uma grande ação, heroísmo, não! o inverso. (PROFESSOR 2).

Nesse sentido, à luz das narrativas dos professores, enquanto os interesses e o enfoque do Professor 1 giram em torno de uma História temática, com ênfase em uma História social, buscando trazer a tona sujeitos mais comuns, pouco valorizados pela História oficial, o Professor 2 é guiado mais por uma História política, com fortes elementos e categorias evidenciados, sobretudo, a partir da perspectiva historiográfica revisionista da Guerra do Paraguai.<sup>5</sup>

Outra questão que não podemos deixar de observar são os interesses apontados pelos dois sujeitos brasileiros. O Professor 1 com as populações e sujeitos subalternos e o Professor 2 com a questão das imagens, visivelmente recorrentes na fala deles. Em momento anterior, publicamos dois artigos<sup>6</sup> tomando como base as mesmas entrevistas realizadas com os sujeitos em questão, mas com foco na categoria “saberes disciplinares específicos e formação de professores”. Nelas, ambos os sujeitos destacaram que seus professores, no processo formativo inicial, haviam realizado uma abordagem que havia valorizado, para o Professor 1, a questão da participação das populações mais comuns na Guerra, como os escravos, os ex-escravos e os indígenas, e, para o Professor 2, a utilização de imagens que, segundo ele, serviu para repensar a Guerra do Paraguai.

Tendo em vista as observações realizadas no parágrafo acima, uma questão a se refletir é: a forma como a Guerra do Paraguai foi abordada na formação inicial dos sujeitos brasileiros foi tão marcante que eles buscaram repetir, na prática docente na Educação Básica, tais abordagens ou, ao contrário, os interesses atuais dos sujeitos refletiram, de algum modo, em suas lembranças? Para o pesquisador Antônio Torres Montenegro (2006, p. 55), “devemos considerar que aquilo que se torna uma marca, um registro na memória resulta de operações complexas, seletivas”.

Em razão do trabalho de elaboração, resultante da relação que se estabelece entre as memórias (passado) e a percepção de algo (presente), as marcas que se constituem como memórias devem ser compreendidas como registros híbridos. A partir da memória enquanto passado se alcança ou se apreende o presente; ao mesmo tempo, este presente atua relativizando ou deslocando significados acerca daquele passado. Dessa forma, jamais dever-se-ia pensar a memória ou a percepção como reflexo ou cópia do mundo, mas como atividade, como trabalho ininterrupto de ressignificação do presente enquanto leitura a partir de um passado que se atualiza enquanto memória informando a percepção [...]. (MONTENEGRO, 2006, p. 56).

Em relação ao uso de outras fontes no processo de ensino, o Professor 4 aponta que apenas na *Educación Media* utiliza materiais além do livro didático. Assinala que possui o hábito de realizar análises comparativas, de contrastar visões diferenciadas em relação à Guerra do Paraguai. Nesse

---

de evitar repetições e, também, visando não carregar ainda mais o texto de citações, nos restringimos, em relação à questão, à citação destacada.

<sup>5</sup> A vertente historiográfica revisionista aponta para o imperialismo, sobretudo aquele realizado pela Grã-Bretanha, como o principal motor da guerra. Há a relevância das causas econômicas, oriundas do capitalismo internacional. Ver CHIAVENATO (1983).

<sup>6</sup> A esse respeito ver SALLES (2020b); SALLES (2020c).

sentido, afirma:

[...] les mostro libros, artículos de libros nacionalistas y – [...] les mostro la otra contracara brasileña, de repente un artículo de Doratioto. Entonces, voy a retirar a la exposición oral, llevar a ellos para que lean libros y preparen sus posiciones y a la fecha que les corresponde que visan exponer, **porque son grandes se pueden**. Entonces se le algo a contrastar, por ejemplo, lo que le dije, el artículo de Diego Abente Brun, muestra una tesis totalmente distinta de la corriente nacionalista. En el año pasado nosotros trabajamos, entonces les puse a leer y a otro grupo le puse la tesis nacionalista, **que visa exponer para contrastar y ahí ya surgiendo y cada un se va interpretando, porque yo soy partidario de que cada uno haya construyendo su interpretación, no que yo enseñe a el alumno: ‘esta es la tesis’, no**. Eso es lo que entiendo, es de esta forma que yo trabajo. (PROFESSOR 4. Grifos nossos).

Ainda em relação às abordagens do conteúdo curricular Guerra do Paraguai, os dois sujeitos paraguaios convergem no sentido de apontar a superação de uma história descritiva militar dos campos de batalha. Acerca disso, o Professor 3 assinala: *“Para mí el abordaje no debe ser una cuestión de conocer el proceso bélico como algo eventual, que pasó, sino que juntamente hay que explicar y trabajar con el estudiante cuáles fueron los intereses que motivaron [...]”* (PROFESSOR 3). O professor em tela baseia-se em uma perspectiva marxista de explicação das motivações do conflito bélico, que o leva a entender a Guerra como uma forma de *“desarticular un modelo de desarrollo [...] un modelo autónomo, nacionalista justamente”*, que não recorria *“a la banca inglesa”*. Nesse sentido, coerente com tal perspectiva teórica, o Professor 3 aponta:

[...] entonces hay que explicar a los chicos estas relaciones y para luego mirar el proceso en sí de la guerra ¿que es lo que se saca?, ¿cuál es la lección que se saca a eso y como se reestructuró el Paraguay después de la guerra? Porque ahí está la gran diferencia, que aquí se creó, empezaron a crearse campos enclaves que se encargaban de explotarse los recursos naturales, sacar todo del país, y nada quedaba aquí, todo ese interés en mejorar la calidad de vida de la población, todo eso se perdió, la población que quedó pasó a vivir para justamente trabajar en eso enclave, enclave yerbatero, después, más adelante enclave taninero del Chaco, con gigantescos latifundios. Todo modelo cambió, por que las tierras públicas empezaron a mal venderse después de la guerra, se ha incluso, acredito que nunca se cobraron y después se iban y se ofertaban otros valores mayores, por ejemplo, de la tierra, pero finalmente el capital externo lo que saca ventajas de la explotación de todos los recursos y estos si acaban un día, si bien fueran adquiriendo otros matices. Por eso es deficitario todo aquí en términos de retorno social que pueda ofrecer el Estado. Entonces, todo esto cambia **y esto lo que hay de trabajar con los chicos. No las campañas, ni las batallas en sí, que ya quedó en el tiempo, conocer esto ya no es significativo**. (PROFESSOR 3. Grifos nossos).

Em relação à abordagem do ensino da Guerra do Paraguai na educação escolar, o Professor 4 aponta:

La guerra. Causa, desarrollo, pero el desarrollo tratamos de dejamos eso de las lascas, Cuántos murieron, las batallas no, yo quiero más que ellos comprendan el porqué de la guerra, **dejando de lado esa historia heroica** de que fulano peleó u otra cosa así, tiene al nivel de información, pero más que eso que comprendan, que analicen. **En el Séptimo, como te dije, es más complicado por la edad, pero a través de este relato cronológico, lo que trato con ellos es que ellos recuerden de los principales hechos, las causas, los líderes, las batallas**. (SUJEITO 4. Grifos nossos).

Assim como o Professor 2, brasileiro, o Professor 4, paraguaio, também informa sua intenção em superar uma abordagem da Guerra do Paraguai sob o prisma dos heroísmos, que estimula uma perspectiva nacionalista. Apesar disso, este último assinala que, devido à faixa etária dos alunos, trabalha no Séptimo Grado através de um relato cronológico dos fatos, de uma recordação dos principais feitos, causas, líderes, batalhas, quer dizer, seguindo uma perspectiva positivista que, em certo sentido, dificultaria a superação de uma perspectiva de heroísmo e de nacionalismo.

O Professor 4 aponta duas formas de abordagens da Guerra do Paraguai, estruturadas a partir da faixa etária dos estudantes. Para os alunos da *Educación Media*, a contraposição de ideias a partir de textos que defendem distintas visões e interpretações sobre a guerra, enquanto para a *Educación Escolar Básica*, especificamente o *Séptimo Grado*, uma História de eventos, baseada em um relato cronológico dos principais fatos, batalhas, líderes etc. Nesse sentido, o Professor 4 continua:

Nosotros damos, por ejemplo, lo que pasa es que depende de la edad, nosotros damos Historia del Paraguay en el Séptimo, con el año de doce, trece años de edad, **lo que hacemos básicamente es como un relato cronológico de los hechos, no abordamos ninguna interpretación porque son muy pequeños, no han a entender, todavía, entonces les mostramos a la visión de los textos Don Bosco.** Pero en el Tercero año [Educación Media] volvemos a dar Historia del Paraguay, con diecisiete, dieciocho años de edad, preparándolos ya para la universidad. Ahí sí analizamos y ahí se les mostramos [outras perspectivas]. (PROFESSOR 4. Grifos nossos).

No que se refere à forma de abordagem em relação ao conhecimento escolar Guerra do Paraguai, como vimos anteriormente, o Professor 4 deixa claro a forma diferenciada com que aborda a temática no *Séptimo (Educación Escolar Básica)* e no *Tercero (Educación Media)*. Apesar de criticar a perspectiva de uma História positivista, baseada em uma narrativa de eventos militares, assinala que esta é justamente a forma como aborda esse conhecimento escolar no *Séptimo*, por acreditar que os alunos, por serem novos, não teriam a capacidade de entender perspectivas interpretativas em relação ao evento analisado, restringindo-se apenas à *Educación Media* a perspectiva que aponta para contraposições de interpretações.

### Considerações finais

No contexto brasileiro, o *lugar* da Guerra do Paraguai na prática curricular dos professores sujeitos da pesquisa, aparece muito associado à discussão do Segundo Reinado, sobretudo em relação ao processo de abolição da escravidão e ao processo de criação e fortalecimento do Partido Republicano, ao fortalecimento do exército enquanto instituição e à Proclamação da República. Assim, no contexto brasileiro, a Guerra aparece, de forma mais enfática, como forma de justificar os importantes eventos que culminariam em 1888 e 1889.

A questão do apertado cronograma/calendário escolar aparece na fala tanto dos professores brasileiros quanto dos professores paraguaios. Contudo, uma questão que ficou patente no estudo em tela foi o tempo curricular destinado ao conteúdo escolar Guerra do Paraguai nos dois países estudados. O Paraguai demanda em seu currículo escolar um tempo bem maior do que no contexto brasileiro, podendo chegar até um mês de estudo apenas da Guerra. O currículo, tanto como processo quanto como prática, se constitui em uma construção social situada e datada, o que justifica as diferenças de ênfase e tempo no currículo dos dois países estudados (GOODSON, 1997).

Outra questão a ser destacada são as diferenças relativas às seleções e utilizações de materiais e fontes para o processo de ensino e aprendizagem. As questões institucionais (destacadas por João Francisco de Souza, 2009), a percepção do currículo enquanto prática seletiva também no âmbito da prática docente e a formação inicial dos professores sujeitos da pesquisa podem ser elementos explicativos que marcam essas diferenças apontadas.

## Referências

- CHIAVENATO, Júlio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 18. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Trad. Guacira Lopes Louro, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GOODSON, Yvor. *A construção social do currículo*. Lisboa: Editora EDUCA, 1997.
- GOODSON, Yvor. *Currículo: Teoria e História*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. Rachar as palavras. Ou uma história a contrapelo. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXII, n. 1, p. 37-62, jun. 2006.
- SALLES, André Mendes. Livros didáticos, prática pedagógica e professores de História. In: Ana Paula Squinelo (Org.). *Livro didático e paradidático de História em tempos de crise e enfrentamento: sujeitos, imagens e leituras*. Campo Grande: Life Editora, 2020a, v. 4, p. 85-113.
- SALLES, André Mendes. Saberes disciplinares da História e formação de professores no Paraguai: a Guerra da Tríplice Aliança em foco. *Clio*, Recife, v. 38, p. 68-84, 2020b.
- SALLES, André Mendes. Saberes disciplinares da História e formação de professores no Brasil: a Guerra do Paraguai em tela. *Educação Unisinos* (Online), v. 24, p. 1-18, 2020c.
- SOUZA, João Francisco de. *Prática pedagógica e formação de professores*. Organizadores: José Batista Neto e Eliete Santiago. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.
- YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, 2007.
- YOUNG, Michael. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16 n. 48, p. 609-623, 2011.

## Notas de autoria

**André Mendes Salles** possui graduação e mestrado em História, respectivamente, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é Professor Adjunto do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE), do Centro de Educação (CE), da Universidade Federal de Pernambuco e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) desta mesma instituição. E-mail: andremendes.s@hotmail.com.

## Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

SALLES, André Mendes. O lugar da Guerra do Paraguai em práticas curriculares de professores de História de escolas da educação básica no Brasil e no Paraguai. *Sæculum – Revista de História*, v. 26, n. 45, p. 189-202, 2021.

## Contribuição de autoria

Não se aplica.

## Financiamento

Não se aplica.

## Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

**Aprovação de comitê de ética em pesquisa**

Não se aplica.

**Licença de uso**

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

**Histórico**

Recebido em 02/08/2021.

Modificações solicitadas em 01/10/2021.

Aprovado em 15/10/2021.